

**Performances de resistência comunitária:
o grito de desencurralamento dos geraizeirinhos de Sobrado**

**Performances of community resistance:
the cry of releasing the geraizeirinhos de Sobrado**

**Actuaciones de resistencia comunitaria:
el grito de liberar el geraizeirinhos de Sobrado**

Jonielson Ribeiro de Souza

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia/GO – Brasil

Luciana Hartmann

Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF – Brasil

Mônica Celeida Rabelo Nogueira

Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF - Brasil

Resumo

À luz de perspectivas teóricas das performances culturais, este artigo apresenta reflexões sobre uma experiência teatral vivenciada por crianças e adolescentes da comunidade geraizeira de Sobrado. Em reação aos impactos socioambientais e expropriações territoriais provocados por grandes empreendimentos econômicos em seus territórios, dezenas de comunidades geraizeiras, como o Sobrado, se utilizam de diversos atos performáticos como forma de resistência. A pesquisa demonstra que as performances cênicas podem contribuir para os processos de sensibilização e formação sociopolítica vivenciados pelas comunidades, que podem ser potencializados por metodologias de pesquisas que operam na confluência entre as ciências sociais e as artes.

Palavras-chave: Comunidades geraizeiras, Crianças, Teatro, Performances culturais

Abstract

In the light of theoretical perspectives on cultural performances, this article presents reflections on a theatrical experience lived by children and adolescents from the Sobrado geraizeira community. In reaction to the socio-environmental impacts and territorial expropriations caused by large economic enterprises in their territories, dozens of geraizeiras communities, such as Sobrado, use various performance acts as a way of resistance. The research demonstrates that the scenic performances can contribute to the processes of sensitization and socio-political formation experienced by the communities, which can be empowered by research methodologies operating at the confluence between social sciences and arts.

Keywords: Geraizeiras communities, Children, Theatre, Cultural performances

Resumen

A la luz de las perspectivas teóricas sobre las representaciones culturales, este artículo presenta reflexiones sobre una experiencia teatral vivida por niños y adolescentes de la comunidad geraizeira de Sobrado. Ante los impactos socioambientales y las expropiaciones territoriales provocadas por los grandes proyectos económicos en sus territorios, decenas de comunidades geraizeiras, como el Sobrado, utilizan diversos actos de performance como forma de

resistencia. La investigación demuestra que las representaciones escénicas pueden contribuir a los procesos de sensibilización y formación sociopolítica que viven las comunidades, lo que puede ser aprovechado por metodologías de investigación que operan en la confluencia entre las ciencias sociales y las artes

Palabras clave: Comunidades geraizeiras, Niños, Teatro, Actuaciones culturales

1. Introdução

Este artigo apresenta reflexões sobre uma experiência teatral realizada com crianças e adolescentes da comunidade geraizeira de Sobrado, do município de Rio Pardo de Minas, situado no norte do estado de Minas Gerais. As atividades, compostas por uma oficina de iniciação teatral ministrada pelo primeiro autor e as mostras de resultados ocorreram por ocasião de uma pesquisa de mestrado entre 2015 e 2017, na qual se buscou refletir sobre os impactos de conflitos socioambientais e territoriais sobre os saberes, modos de viver e fazer tradicionais dos Geraizeiros¹.

A pesquisa contou também com outras práticas participativas, como rodas de conversas e caminhadas pelos territórios das comunidades, com seus moradores e lideranças. O trabalho de campo teve como princípio a participação observante (ALBERT, 2002; 2015), com a qual foi possível acompanhar e contribuir em momentos reflexivos e organizativos, como reuniões das associações, ações diretas, conferências, cultos religiosos e festividades, cujas observações foram registradas em caderno de campo.

A “participação observante” se distingue da “observação participante”. Afinal, ainda que o método da observação participante proponha um olhar acadêmico ativo e comprometido, segue sendo um olhar externo ao contexto estudado. Como filho da comunidade Sobrado, o primeiro autor se insere nos processos comunitários, motivado, primordialmente, pelo próprio autorreconhecimento identitário e pela militância, tendo os interesses de pesquisa surgido depois (SOUZA, 2017). A

¹ Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável – Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (Mespt/CDS/UnB), sob orientação do prof. dr. Sérgio Sauer. Além de Sobrado, as comunidades Moreira e Raiz, ambas do município de Rio Pardo de Minas, também foram foco da pesquisa. Na ocasião do mestrado, não foi possível um aprofundamento reflexivo, em nível teórico e metodológico, sobre a experiência teatral ocorrida, pois não era esse o foco da dissertação (texto completo em SOUZA, 2017). No entanto, as repercussões das atividades cênicas motivaram a elaboração de um projeto de pesquisa para ingresso, do primeiro autor, no programa de doutorado em Performances Culturais (Ppgpc/FCS/UFG), no qual são desenvolvidas algumas das reflexões contidas neste artigo.

participação observante propõe, portanto, um olhar sobre a realidade observada que parte da centralidade metodológica da autodeterminação dos povos, ainda que comungue com objetivos acadêmicos (SOUZA; SAUER, 2020).

São dezenas as comunidades geraizeiras que travam intensa batalha pela retomada e proteção de seus territórios tradicionais, expropriados a partir dos anos 1970. O modelo econômico implantado pelo regime ditatorial militar, conhecido como desenvolvimentismo, acarretou fortes consequências sobre as fontes de subsistência e o modo de viver das comunidades geraizeiras (BRITO, 2013).

À época, governos no nível federal e estadual implantaram programas de apoio a monocultivos de eucalipto, em dezenas de municípios da região norte mineira, com incidência sobre parte dos territórios dessas comunidades. Tais empreendimentos causaram devastação ambiental local e levaram as comunidades a uma situação de encurralamento, que é a forma como os geraizeiros designam as restrições sofridas após a chegada do eucalipto na região, em uma analogia à lida com o gado.

Os cultivos extensivos da planta exótica confinaram as comunidades geraizeiras nas áreas "de baixa", fazendo com que perdessem o acesso às chapadas (altiplanos de serras e morros), onde tradicionalmente as famílias realizavam a solta do gado e o extrativismo de espécies vegetais nativas (NOGUEIRA, 2017).

No caso de comunidades como Sobrado, tais circunstâncias foram agravadas pela degradação causada por empresários locais que, em meados da década de 1990, após aquisição de áreas sensíveis ambientalmente, nas chapadas ou nas proximidades de nascentes e leitos de córregos, também causaram o escasseamento das fontes naturais de água (OLIVEIRA, 2017; SOUZA, 2017).

Sobrado está situada a 10 km da sede urbana do município de Rio Pardo de Minas, em área com cerca de três mil hectares. Sua paisagem natural é formada pela interseção ecossistêmica entre o cerrado e a caatinga, além de manchas remanescentes de mata atlântica (OLIVEIRA, 2017).

Suas principais nascentes são as que formam os córregos Nogueira, Caiçara e São Lucas, que se unem e formam o córrego Sobrado, afluente do rio Pardo. As comunidades vizinhas, São Lucas e Curral Novo, também têm esses córregos como suas principais fontes de água.

Em Sobrado, residem hoje aproximadamente 65 famílias, cuja maioria vive da agricultura familiar, através da produção de gêneros alimentícios tradicionais – sendo os principais produtos o café, cultivado em chácaras agroflorestais, e a mandioca, cujo derivado principal é a farinha (DUQUE-BRASIL *et al.*, 2011).

Este texto contém reflexões sobre atos cênicos de autorrepresentação do processo de resistência pela sobrevivência física e identitária da comunidade geraizeira de Sobrado, com foco sobre o envolvimento infanto-juvenil nesse processo. A análise desses atos, enquanto performances, permite identificar e examinar elementos simbólicos que refletem sobre as formas dos comunitários de perceber esse processo, autoperceber-se e expressar as relações estabelecidas com seu território tradicional e com as estratégias de luta pela defesa da vida e dos seus modos de viver.

O conceito de drama social, de Victor Turner (2008), permite refletir sobre o caso geraizeiro, pois prevê a possibilidade de transformação da sociedade através das performances ocorridas nesses momentos². Inspirado nas três fases do processo ritual desenvolvidas por Van Gennep, o autor complexifica a análise das situações desarmônicas que ocorrem no processo social, reconhecendo quatro fases distintas: ruptura, crise, ação reparadora e desfecho, ou reconhecimento da cisão.

No caso das comunidades geraizeiras, entendemos que os conflitos socioambientais foram deflagrados a partir de rupturas dos modos de vida tradicionais, causadas por empreendimentos econômicos diversos sobre seus territórios - especialmente a eucaliptocultura -, tendo depois evoluído para fases transformadoras e para tentativas de ações reparadoras por meio de performances comunitárias diversas³. Tratamos esse ponto na primeira parte do artigo,

² Essas transformações seriam possíveis nas fases de liminaridade, encontradas tanto no rito quanto nos dramas sociais. Conceito fundamental na obra de Turner (2008), a liminaridade prevê uma suspensão das estruturas hierárquicas da sociedade, trazendo à tona o que não é revelado no cotidiano - daí o fato de a arte ser associada às situações de liminaridade.

³ Cabe destacar que os conflitos nas comunidades geraizeiras não são única e exclusivamente causados pelos empreendimentos econômicos aqui considerados. Como todo grupo social, os geraizeiros também enfrentam conflitos internos, decorrentes de contradições ou diferenças de posicionamento entre seus próprios membros ou moradores. No texto, focalizamos os conflitos causados por agentes externos - mais especificamente aqueles relacionados à eucaliptocultura - por sua dramaticidade, proporções e efeitos junto a diversas comunidades geraizeiras no norte de Minas Gerais. A implantação da eucaliptocultura sobre os territórios geraizeiros distingue-se também pela violência com que atinge as comunidades, expropriando-as de seus territórios e ameaçando seus modos de vida. É em face dessa violência, que as comunidades organizam um movimento de reação em busca do autorreconhecimento identitário e luta por direitos territoriais.

entendendo esses mecanismos de resistência enquanto *performances de desencurralamento*.

Na segunda parte, fazemos um breve relato da oficina de iniciação teatral dirigida a crianças e adolescentes da comunidade de Sobrado para, na terceira, discutir suas relações com princípios metodológicos que privilegiam o protagonismo dos sujeitos da pesquisa, como os do “etnoteatro”, da “pesquisa performativa” e da “etnografia propositiva”, propostas que se desenvolvem para o que estamos chamando aqui de “etnografia performativa”.

2. A resistência geraizeira como performance: luta pelo desencurralamento

A ideia de encurralamento das comunidades geraizeiras está relacionada ao processo de desmantelamento dos modos de vida tradicionais sofrido por essas comunidades, a partir da década de 1970, quando se deu início a implantação dos maciços de eucalipto nas chapadas. Segundo Nogueira (2017), os geraizeiros se viram confinados às áreas baixas do relevo, como as veredas ou grotas, sendo então impedidos de usufruírem das chapadas, onde desenvolviam práticas tradicionais e sustentáveis, como o extrativismo de frutos nativos (pequi, cagaita, rufão, araticum e outros), lenha, ervas medicinais e a solta de gado.

Essas práticas tradicionais se desenvolveram ao longo de um “processo de territorialização” (ALMEIDA, 2008), vivenciado pelos geraizeiros, por meio da ocupação histórica das diferentes paisagens de cerrado na região norte mineira - paisagens que eles chamam tradicionalmente de Gerais⁴ (NOGUEIRA, 2017).

O processo de formação de um território implica em interposições de sentidos, desenvolvidas ao longo do tempo, para além dos aspectos concretos de ocupação física de um espaço, inerentes aos âmbitos produtivos, econômicos e jurídicos e alcançam níveis sensoriais, sentimentais, simbólicos, identitários, permeados pela ação histórica de cada grupo humano sobre determinado espaço geográfico (ALMEIDA, 2008; LITTLE, 2002). A religiosidade popular e as manifestações culturais, como as folias de reis, catiras, bandeira roubada e cantigas de roda, também fazem parte desse universo simbólico e do imaginário

⁴ Os Gerais são vastas regiões em que predomina o bioma cerrado ou a transição cerrado-caatinga, encontradas também no norte de Goiás e oeste da Bahia. No norte de Minas, no período colonial, a partir da chegada dos bandeirantes, categorias diversas de desprivilegiados socialmente, como ex-escravos e agregados, começaram a ocupar as “terras livres”, os *Gerais*, geralmente pelo trabalho, e não pela compra, já que se tratava de áreas desocupadas (NOGUEIRA, 2017).

coletivo territorial entre os geraizeiros, tendo sido afetadas pela situação de encurralamento, como relata Soares (2011).

As dificuldades de permanência dos moradores nos locais de origem atingem um grau extremo com a intensa crise hídrica percebida por volta dos anos 2000, com o secamento de córregos, nascentes e rios. Essa situação é considerada como estopim para a deflagração do processo de reação das comunidades. Desde o início, tal resistência é organizada com apoio de diversas instituições⁵, na qual dezenas de comunidades pautam o reconhecimento de sua identidade, a recuperação da biodiversidade e a reapropriação territorial (SOUZA, 2017).

Isso posto, consideramos que tanto as práticas tradicionais ainda existentes nas comunidades, sejam culturais ou produtivas, quanto as mais recentes ações de mobilização política, se configuram como performances de resistência a um modelo de desterritorialização imposto. São manifestadas, por exemplo, no extrativismo sustentável realizado nas áreas restantes de cerrado, nas relações de reciprocidade – que promovem auxílio mútuo intercomunitário e institucional também no processo organizacional da luta (SOUZA; SAUER, 2020) –, pelas festividades e cultura popular. Manifestam-se também em eventos de conscientização, sensibilização, organização, articulação ou ações diretas, ocorridas durante enfrentamentos ou protestos, em prol da retomada territorial.

Schechner (2011) aponta que uma performance ocorre na interação humana, e que seu caráter de copresença física é capaz de gerar transformações em quem a executa ou dela participa, podendo demarcar identidades e reafirmar posições dos agentes diante dos confrontos em questão. O *status* de oposição dos geraizeiros a uma situação de opressão é demarcado por situações que deflagram ou expressam o conflito. É o que ocorre em momentos extracotidianos, como “paradas de máquinas”⁶, ocupações, obstruções de rodovias, dentre outras: ações como essas estão sendo denominadas aqui de performances de

⁵ A organização das comunidades deu origem ao Movimento Geraizeiro, que conta com o apoio de Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STRs), Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA/NM), Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Movimento dos Sem Terra (MST), Universidades, Rede Sociotécnica, dentre outras instituições.

⁶ “Parar máquina” é uma abordagem feita por um grupo de pessoas, com o intuito de interromper o funcionamento de veículos em serviços relacionados aos monocultivos (desmate, destocamento, transporte, corte etc.). As ocupações geralmente envolvem entrada e permanência, durante certo tempo, de um aglomerado de militantes em espaços estratégicos, em posse das empresas, reconfigurando o local como área de organização de enfrentamentos ou mesmo para cultivos de produtos alimentícios (SOUZA, 2017).

desencurramento (SOUZA; NOGUEIRA, 2021), enfatizando assim seu caráter de busca para sair de uma situação opressiva.

O conceito de performance é aqui entendido no sentido dado por Débora Kapchan (1995), que a relaciona às práticas estéticas que envolvem padrões de comportamento, maneiras de falar, de se comportar corporalmente - cujas repetições situam os atores sociais no tempo e no espaço, estruturando identidades individuais e de grupo.

Assim como em Schechner (2011), ao se referir ao teatro brechtiano, por exemplo, identificamos aqui a perspectiva de transformações individuais ou coletivas, movidas pelo ato performático, que levam o sujeito a uma consciência crítica de si mesmo e da realidade social.

Sentidos relacionados à transformação individual ou coletiva também são articulados pelo conceito de drama social em Victor Turner (2008). Tal conceito pode ser adotado para analisar processos de transformações sociais, que se desdobram em quatro momentos: ruptura, crise, ação reparadora e desfecho. Parece-nos produtivo traçar um paralelo com o drama vivenciado pelas comunidades geraizeiras: a ruptura do território e de seu modo de vida, as consequências socioambientais dos monocultivos, a manifestação dos conflitos e as ações de resistências e algumas conquistas como correspondentes aos quatro momentos identificados por Turner - ainda que os conflitos nos Gerais não tenham chegado a um desfecho final (SOUZA; NOGUEIRA, 2021).

Turner se interessava por esses momentos de interrupção do cotidiano, propiciado pelos ritos, ou, no caso de processos sociais, os conflitos, reconfigurando-os, portanto, como situações de liminaridade, em que as sociedades se desafiam, surpreendem-se a si próprias, o que faz emergir novos conhecimentos e situações com possibilidades transformadoras (TURNER, 2008).

Uma das principais consequências da conversão das chapadas em maciços de eucalipto é que quando se dão os cortes das árvores, a terra fica exposta, e o terreno arenoso se torna vulnerável às chuvas, aumentando o volume e velocidade das enxurradas, que assim carregam grande quantidade de areia para as encostas e baixas, causando assoreamentos nas nascentes e leitos de córregos. Isso gera também entupimento dos tanques de captação de água, impossibilitando sua distribuição pela rede a todas as famílias nas comunidades geraizeiras afetadas por esse processo.

Uma situação que podemos considerar como a intensificação da crise (TURNER, 2008), no caso de Sobrado, é quando, em meados de 1990, um empresário, denominado de “posseiro” pelos moradores locais, adquiriu uma área nas proximidades da nascente do Caiçara. Alegam os moradores, que ele teria comprado uma área de aproximadamente 30 hectares, porém, teria se apropriado irregularmente de um espaço de aproximadamente mil hectares, abrangendo uma área de uso comum dos moradores e sensível ambientalmente, próxima às principais nascentes dos córregos Nogueira e Caiçara (SOUZA, 2017).

A história de como se deu essa ocupação é narrada no poema *Nossa luta em verso e rima*⁷ de autoria de Luciana Santana, liderança da comunidade:

...

Um belo dia aqui chegou um certo empresário
Parecia gente boa / um sujeito educado...
Fez até alguns amigos / com o povo do Sobrado!
Diz que um pedaço de terra / ele havia comprado
Do Nogueira e a Caiçara / era agora proprietário
Daquele fato porém / não fizemos muito caso.

No início até foi bom / teve emprego de montão
O trator e o motor serra / logo entraram em ação
Da chapada foi descendo / carga e carga de carvão
Consciência que é bom / ninguém ainda tinha não.

Em pouco tempo a chapada / foi mudando sua cara
Planta que era comum / foi virando coisa rara
Nem de longe se lembrava nossa rica caiçara
Em pouco tempo a mangaba / a cagaita e o pequi
Deu lugar ao eucalipto que tomou conta dali
E pra completar o estrago / veio ainda porco e gado
Pra ajudar a destruir.

...

Como consequência dessa devastação, houve drástica diminuição do volume de água nos córregos. Em visita à área ocupada, os moradores notaram até a criação de porcos na nascente do Caiçara, com passagem aberta também para o gado, o que gerava assoreamento e contaminação da água utilizada pelas famílias. Como tentativa de reverter esse quadro, os moradores, inicialmente - demarcando o que poderia ser considerado como o início da fase reparadora (TURNER, 2008) -, tentaram dialogar com o “posseiro”, o que não surtiu efeito.

⁷ Poema lido pela autora para a comunidade, durante reunião no salão comunitário, em maio de 2016.

Após essas tentativas iniciais, seguiram-se mais de dez anos de embates, através de denúncias por crime ambiental, protestos e audiências, o que não interrompeu a degradação por parte do empresário (SILVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2017). Entretanto, tal experiência pode ser considerada como um processo liminar, capaz de gerar na comunidade a autoconsciência a respeito de seus problemas e um senso de protagonismo na tentativa de reconstituir seu modo de vida.

Em Camargo (2013, p. 3), vemos que as pesquisas sobre performances culturais “devem ser também entendidas como uma concretização da autopercepção e da autoprojeção dos agentes dessa cultura, do entendimento que esses fazem ou constroem de si mesmos, determinando e sendo por eles determinados”.

Contudo, cabe notar que esse processo de autoprojeção não se dá de forma unânime no seio da coletividade, ou seja, não se desenvolve sem enfrentar dificuldades de ordem interna. Dentre elas, destaca-se a resistência de diversos moradores a se alinharem à proposta de retomada territorial, como nos mostra esse diálogo entre as lideranças do Sobrado, Luciana e Zé Melo:

LUCIANA – Primeiro é o vislumbre do emprego [...], ele chegou começou oferecer trabalho pra todo mundo, pagava bem, né, Zé? Muito trabalho, então todo mundo vislumbrou, todo mundo achava aquilo uma maravilha, ninguém se preocupou [...] Quando foi recuperar a consciência, recuperar não, ter um pouquinho, né? Que agora, agora todo mundo já tem, mas na época foi criar um pouco, a gente criou essa consciência, diz que quem não vai pelo amor vai pela dor, a gente foi a partir da dor mesmo.

ZÉ MELO – Teve gente aí que veio pela dor, meu fi, vei pela dor, que quando viu coando água...

LUCIANA – Cheia de areia...

ZÉ MELO – pra beber, pra pôr no arroz, na panela – que geralmente ês não tem reservatório de água, tem umas pessoa aí que não têm reservatório de água, vem direto da rede – Quanto ês sentiu na pele que ês tava coando água no coador pra pôr na panela, aí que vei ver ondê que nós tava lutando, mas antes era contra nós, xingava, achava que a gente tava correndo atrás...

LUCIANA – Querendo tomar coisa que era dos outro, que a gente não tinha nada a ver [...] O que revolta a gente, que dói, é que essa briga que a gente faz aqui, não é uma briga minha, é uma briga pra todos, porque isso não vai beneficiar só a mim, vai beneficiar a todos, todo mundo tava prejudicado, [...] Então, a gente tem que ir com calma, ir conversando aos poucos e continuar lutando. De maneira nenhuma, é tanto que tá aí a chácara, ninguém vem aqui⁸ colher nada, ninguém pega nada, porque a gente não quer ocupar o lugar, a gente quer preservar. Nós tomamos posse nisso aqui com intuito de preservar, tanto pra nós quanto pras gerações futuras... É isso que a gente quer. (Falas transcritas de registro audiovisual realizado pelo primeiro autor, durante caminhada, em agosto de 2012)

⁸ Referência à antiga sede da fazenda, onde foi registrado esse trecho do diálogo, durante uma pausa da caminhada. O lugar contém uma casa e plantios de café e outros cultivos.

A fala dos moradores demonstra como, no processo de auto-organização, é necessário articular estratégias para lidar tanto com os “de fora”, quanto com os “de dentro”. Nesse diálogo, destaca-se, nas falas dos moradores e lideranças, sempre que rememoram a narrativa da luta comunitária, o drama de coletar uma água barrenta ou com areia das torneiras.

A partir da reação e do movimento de organização, as comunidades se perceberam portadoras de uma cultura com facetas múltiplas, nas quais ocorrem interconexões entre modos de produzir, alimentar, crer, festejar e comercializar, reunir etc. E da conjunção dessas dimensões com o contexto sociopolítico e histórico relacionado ao território, passaram a se entender também enquanto sujeitos de direitos específicos e protagonistas nos processos de acesso a esses direitos.

Por esse motivo, as formas de organização e atos de enfrentamentos das comunidades estão sendo entendidas aqui como ações de “desencurramento”. Afinal, são ações que tensionam a opressão vivenciada, contribuindo substancialmente para a sua superação, por meio da formação sociopolítica e do empoderamento coletivo das comunidades geraizeiras, tendo gerado resultados, ao longo dos anos, como o reconhecimento formal do território de Sobrado, pela Lei Municipal 1.629 de 10 de Abril de 2015 (Lei João Tolentino)⁹; a retomada territorial da comunidade Vereda Funda (Rio Pardo de Minas), com a implantação do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) “Veredas Vivas”, em área que estava em posse de reflorestadora; e a decretação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) “Nascentes Geraizeiras”, pela comunidade de Água Boa 2, também de Rio Pardo de Minas, juntamente a outras de municípios vizinhos a esse.

3. O grito dos pequenos guardiões do território

A ideia de realizar uma prática teatral junto a comunidades geraizeiras surgiu como possibilidade de experimentar atividades lúdicas que pudessem articular noções de pertencimento identitário e envolvimento de faixas etárias menores nos

⁹ Até o momento da escrita deste artigo, junho de 2021, a referida lei ainda não tinha sido regulamentada. Sua aprovação, portanto, não significou a retomada territorial. O empresário mantém ameaças de retorno ao local, tendo inclusive movido processo de reintegração de posse, que se encontra em julgamento pela vara agrária do estado de Minas Gerais.

processos de organização coletiva. A linguagem teatral tem a potencialidade de gerar transformações na realidade do grupo pesquisado, no próprio seio da pesquisa. Isso pode ser pensado tanto a partir de sua capacidade de informar e formar elementos simbólicos sobre identidades, quanto como estratégia de intervenção político-social (BOAS, 2013; ROCHA, 2015).

Ações artísticas, como as que se centram em performances corporais, permitem que sejam trabalhados, em atos de copresença, conteúdos de identificação territorial, valorização e ressignificação simbólica dos saberes populares e de experiências coletivas, podendo aliar-se a outros mecanismos de resistência já acionados há longa data pelas comunidades, como as já relatadas.

O trabalho com crianças se deu a partir do interesse em perceber como se dava a inserção dos “geraizeirinhos” nos processos de luta de suas comunidades, geralmente, protagonizados por adultos. Em diversos espaços de discussão, foi possível ouvir de pais e mães que a luta pela reapropriação territorial era em grande parte motivada pela intenção de garantir um lugar de morada para os filhos, já que eles próprios haviam recebido o território de seus antepassados. Relatos desse tipo fizeram surgir questões sobre as relações estabelecidas entre as crianças, adolescentes e jovens com o território, associadas a sentimentos de pertença, práticas de repasse de saberes e envolvimento em processos de conscientização.

Mesmo que aparentemente invisibilizadas, ouve-se falar de casos de atitudes protagônicas das crianças nos processos de retomada¹⁰. Na comunidade Moreira, durante o processo de insurgência, seus pequenos moradores tomaram a iniciativa de escrever, em placas metálicas, frases de protesto contra o monocultivo. Expressões e frases como “Território do Moreira”, “Se o eucalipto acabar, as águas vão jorrar”, “Não dependemos do eucalipto, e sim da água” são alguns dos escritos que foram afixados nos pés de eucalipto, na área autodemarcada pela comunidade e, posteriormente, arrancados por representantes da empresa reflorestadora.

Na comunidade de Água Boa II, lideranças relataram que se sentiram motivadas a lutar pelo território a partir da afirmação das crianças da necessidade de recuperação da água para manter espaços de lazer, como o de tomar banho de córrego. Por iniciativa das crianças, também propuseram levar a temática dos

¹⁰ O primeiro e segundo autores trabalharam com a questão do protagonismo infantil em movimentos sociais em Hartmann, Souza e Castro (2020).

conflitos socioambientais da comunidade para discussão em suas escolas, mas a proposta foi rejeitada pela direção escolar.

Como mais uma possibilidade de envolvimento de faixas etárias tenras com a realidade das comunidades, foi apresentada a proposta de realização de uma oficina teatral a algumas comunidades¹¹, tendo sido possível, naquele momento, realizá-la apenas em Sobrado. Em uma reunião no salão dessa comunidade, a proposta foi apresentada aos pais, mães, filhos e outros moradores. Foi explicado que a oficina se compunha de atividades eminentemente práticas, contudo, relacionadas ao envolvimento dos participantes com a realidade e memória da comunidade.

A oficina ocorreu de julho a outubro de 2016, no salão da comunidade. Sua carga horária total foi de 35 horas, por meio de encontros nos finais de semana, com duração de três a quatro horas cada, e contou com a participação de até quatorze crianças e adolescentes, oito meninas e seis meninos, com faixa etária entre 10 e 14 anos.

Nem todos participaram o tempo todo, com uma alternância na quantidade de participantes que variava de cinco a onze por encontro, tendo a oficina terminado com os cinco mais frequentes. Desses, uma menina e quatro meninos, três já moravam havia alguns anos na cidade com os pais, mas a relação com o Sobrado se mantinha no cotidiano, com as constantes visitas aos avós, tios e a participação nos eventos da comunidade, como cultos e festividades. Até metade da carga horária, as atividades foram dedicadas a questões técnicas e exercícios de improvisação, sendo trabalhadas basicamente três áreas interligadas: expressão vocal, expressão corporal e jogos teatrais.

Em dado momento da oficina, oicineiro realizou uma dinâmica com os participantes, para dizerem o que gostam e o que não gostam na comunidade. Um dos adolescentes disse que gosta das árvores, de espaço para brincar e que não gosta do desmatamento e da falta de movimento na comunidade: "o Sobrado é parado", disse.

Uma das meninas disse que gostava de pescar, de comer na casa da avó (quando era viva), de dormir numa cama bem quentinha, "de mordomias", de ir à igreja e "fazer trilhas", mas não gostava do pó da estrada nem do excesso de

¹¹Na ocasião, a proposta de oficina também foi apresentada às comunidades Moreira e Raiz.

plantas que "fazem cócegas" e deixou de gostar de vir para a casa da avó depois que ela faleceu.

Outro adolescente disse que gosta de "motocar" (pilotar motocicleta), de jogar futebol e cuidar das plantas. Não conseguiu lembrar algo que não gostava.

Um participante de 10 anos gostava de molhar as plantas, de ir pra casa da avó e ir para a cachoeira, mas não gostava da poeira nem de vir pra comunidade (esse morava na cidade), e que se sentia obrigado a isso.

Outro disse que gostava dos animais que olham a casa. Essas foram as menções mais diretas a suas relações com o território, apontando questões relativas a problemas ambientais, com a paisagem e as pessoas do lugar.

Após essa primeira etapa, o oficinairo propôs aos participantes que trouxessem histórias ou causos da comunidade, antigos ou recentes. As histórias, trazidas por vários dos participantes, tratavam principalmente de temas relativos a questões morais, de respeito aos mais velhos, sovínice, gula e assombrações, temas bastante recorrentes em causos populares tradicionais.

Um dos participantes contou a história da pisadeira, um bicho com características assustadoras, que aparece para a criança durante a noite, quando ela come além do que deve e dorme de cabeça para baixo.

Outro contou a da assombração de um velho, que aparecera para duas crianças que, durante sua vida, constantemente aprontavam contra ele, que morreria inclusive em decorrência de uma dessas travessuras.

Outro participante contou a de outro velho muito sovina em vida que, após seu velório, ninguém conseguia carregá-lo na rede para o enterro, devido ao corpo estar muito pesado. O caso só se resolveu depois de o defunto levar uma grande sova do padre.

Em nenhuma das histórias contadas, houve menção a algum fato ou referência específica da comunidade, nem mesmo à história de luta ou a problemas relativos a questões socioambientais do lugar. Ao serem perguntados se sabiam algo a respeito desse último tema, responderam que não. Tal negativa era um sinal de que, provavelmente, no cotidiano, não estavam envolvidos em discussões sobre o assunto ou não tinham segurança para se expressarem a respeito.

Como conhecedor do drama vivenciado pela comunidade, o oficinairo apresentou ao grupo o poema *Nossa luta em verso e rima*, (citado acima) pedindo que cada um lesse um parágrafo, em voz alta. Depois que os participantes fizeram

sua leitura, alguns lembraram que tinham ouvido falar de alguns problemas retratados, principalmente, dos desmatamentos e da falta ou sujeira da água.

Aquele seria o momento oportuno para iniciar a construção de cenas mais estruturadas, já que os participantes manifestaram interesse em apresentar uma peça. Analisaram, então, as histórias trazidas e escolheram algumas para serem rerepresentadas. Nas novas cenas, problemas vivenciados pela comunidade, como desmatamento, falta de água e de espaços para lazer, apareceram de forma mais evidente, sem que os elementos anteriormente desenvolvidos se perdessem.

Não temos dúvida de que o poema lido contribuiu para despertar tal interesse. Escrito por alguém da comunidade, sua narrativa é protagonizada pelos próprios moradores, que são parentes ou conhecidos dos participantes da oficina. As discussões posteriores sobre o tema também ajudaram nesse sentido. Após as apresentações, os jovens novamente escolheram algumas das cenas para servirem de base temática para o trabalho a ser apresentado, manifestando o desejo de abordar os impactos ambientais vivenciados pela comunidade e sua história de luta. Nesse momento, a oficina já contava com os cinco participantes que permaneceram até o final.

Os encontros seguintes prosseguiram com a recomposição das cenas escolhidas e a criação de propostas cênicas novas, a partir da reunião de fatos que complementassem a história. A função doicineiro, nessa etapa, foi a de contribuir na organização das cenas, na dramaturgia e na criação de músicas. Chegou-se então a uma narrativa concisa da história da comunidade, que retrata a chegada do posseiro, a aquisição do terreno, a devastação por ele causada no meio ambiente, incluindo a criação de porcos nas nascentes, as tentativas de diálogo por parte dos moradores, o desenvolvimento do conflito através de denúncias a órgãos ambientais competentes e outros enfrentamentos, até a efetiva organização da comunidade pelo reconhecimento identitário e retomada territorial.

O esquete, com duração de quinze minutos, foi intitulado “Salve, salve nossa terra!”, cuja estreia ocorreu no dia 30 de outubro de 2016, durante uma reunião da associação comunitária de Sobrado, no seu salão¹². O drama se passava em torno

¹² A peça foi rerepresentada nas comunidades de Moreira e Raiz, na Universidade de Brasília, por ocasião da defesa de dissertação de mestrado de Souza (2017), no 2o Seminário de Educação do Campo, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), em Belo Horizonte-MG, no Encontro de Cultura Popular do Alto Rio Pardo da Escola Família Agrícola

dos córregos Nogueira e Caiçara. As crianças iniciaram a peça em marcha, segurando pedaços de bandeirolas, em duplas, num gesto semelhante ao de segurar faixas em protesto de rua. Entraram em cena cantando versos rimados, num ritmo semelhante ao repente nordestino, marcado por pandeiro:

Nós somos lá do Sobrado
Comunidade Geraizeira
Que teve os *corgo* ameaçado
O Caiçara e o Nogueira

Mas daí fomos pra luta
Sempre a reivindicar
Direito à água e à vida
E proteger nosso lugar¹³

Em seguida depositaram as bandeirolas no chão, formando um desenho em formato de “Y”. Com isso, os objetos passaram a simbolizar o encontro dos dois córregos. As serras e encostas, onde se encontram as nascentes desses córregos, foram representadas por peças de tecidos verdes de TNT, colocados sobre duas cadeiras. A cena se desenrolou com a narrativa dos principais fatos acontecidos, iniciando-se com a ideia de tomada tardia de consciência por parte dos moradores, o que teria ocorrido bem depois de avançada a destruição ambiental. A peça alternava momentos dramáticos e cômicos. Há, por exemplo, uma representação cômica da ação da polícia ambiental e a forma como reage o empresário, que não está nem aí para a multa tomada.

Como um dos momentos mais dramáticos, destaca-se a cena da representação da dor de não poder nem mesmo coar um café, devido à água barrenta que sai da torneira: é quando Ana¹⁴, uma das personagens, após coletar água da torneira em um vasilhame, assusta-se e, bem devagar e em silêncio, olha para Zé, seu esposo, e mostra o conteúdo do vasilhame. Zé, ao ver, também entristece. Ana então, sempre devagar e com o olhar vago e triste para o interior do copo, avança atônita em direção a plateia, para, resolve transmitir seu olhar à plateia e despeja no chão o líquido barrento e amarronzado.

(EFA) Nova Esperança, Taiobeiras-MG, na Comunidade de Catanduva, em Vargem Grande do Rio Pardo-MG, durante a V Conferência Geraizeira (2018), dentre outros espaços.

¹³ Criação coletiva, entre participantes da oficina eicineiro.

¹⁴ Todos os nomes dos personagens são fictícios.

A peça segue, narrando os embates dos moradores com o posseiro, as conquistas alcançadas, como o afastamento do posseiro da área, a aprovação da lei municipal e outros, mas com a consciência de que a luta ainda não havia chegado ao desfecho, como demonstram as últimas falas, ditas diretamente para a plateia:

ANA – Passamos a lutar pelo território, não para possuir um simples pedaço de terra, mas porque entendemos que essa é a única forma de continuar vivendo nesse lugar, onde nossos antepassados viveram e deixaram pra nós.

TONE – Foram anos e anos de muita angústia e sofrimento. Mas com o apoio de muitos parceiros, aprendemos a nos organizar e fizemos o fazendeiro recuar.

MANEL – Hoje nosso cerrado se recupera, está voltando a ter o colorido e a vida de antes. Mas, como já falamos, a luta ainda não acabou, nosso território continua sendo ameaçado.

TODOS – Mas no que de nós depender, essa terra nunca deixaremos de defender!¹⁵

E terminam cantando ao final, puxando palmas da plateia:

Essa terra é dos Gerais
É do povo geraizeiro
Que sempre cuidou dela
Não vai ser de fazendeiro
Que faz dela o que quiser
Que faz dela o seu canteiro
Salve o Sobrado! Salve o Sobrado! (*Bis*)

Deixaremos algumas análises e comentários sobre essa apresentação, mais diretamente ligados aos processos organizativos da comunidade, para os tópicos a seguir.

4. Diálogos metodológicos

Acreditamos que algumas reflexões sobre a prática cênica realizada podem ganhar amplitude e aprofundamento, se feitas em diálogo com algumas perspectivas metodológicas que operam na confluência entre as ciências sociais e as artes. Nesse sentido, procuramos agora refletir sobre a prática realizada, à luz de algumas metodologias que, embora não tenham sido utilizadas diretamente naquele momento da pesquisa, hoje nos inspiram em pensar novas possibilidades de diálogo e de operacionalização de sentidos e práticas em campo, com crianças e jovens.

O etnoteatro, por exemplo, de acordo com Salgado (2013), é um meio de pesquisa capaz de traduzir e expressar culturalmente, através da articulação entre

¹⁵ Os nomes de todos os personagens são fictícios.

etnografia e teatro, a dramatização de investigações sobre a vida social e cultural de um determinado grupo. O autor problematiza as possibilidades de técnicas etnográficas como fundamentos para a criação cênica no seio do próprio coletivo, enquanto um sujeito da pesquisa.

Tal perspectiva faz uso ainda de conceitos teóricos da performance (enquanto ritual, drama social, estética etc.) e de metodologias teatrais relacionadas à escrita dramaturgica, construção de personagens e os mais variados estilos de encenação. A unificação entre etnografia e teatro pode promover o empoderamento de uma imaginação e de um *ethos* coletivo, que reforça e dinamiza laços comunitários. O etnoteatro, enquanto espelho cultural, recria e redefine a identidade enquanto performances, ao realizar uma “autobiografia coletiva”, renovando o sentido de si (SALGADO, 2013).

A cena realizada pelos geraizeirinhos do Sobrado buscou trazer o sentido do território enquanto espaço coletivo, cujos recursos, em sua forma tradicional, deveriam ser usufruídos de maneira sustentável e como um bem comum. Vinculada a isso, está a questão da água, enquanto elemento básico para a existência de todos. Proteger e recuperar córregos e nascentes acabou por se tornar um elemento identitário geraizeiro, visto que é esse o principal fundamento na luta pela reapropriação territorial. Como vemos no relatório antropológico da comunidade Moreira (CAA/NM, 2017), no registro da fala de um morador: “Ser geraizeiro é, atualmente, lutar pela volta da água”. Essa afirmação é extensiva a outras comunidades gerazeiras, inclusive Sobrado.

Pelos apontamentos de Salgado (2013), é possível aferir também sobre o conteúdo político dessa proposta: o etnoteatro pode, “no processo e através da performance, ser uma maneira de se imaginarem mundos outros alternativos, uma experiência dialógica que tem a faculdade de conferir poder aos interlocutores” (p. 35). Esse processo trabalha tanto com a investigação “sobre” o grupo ou comunidade, como também “com” seus próprios membros, que partilham uma identidade ou estão igualmente submetidos a uma situação de opressão social, o que gera possibilidades de atuação/intervenção sociopolítica sobre o meio em que vivem.

Já o desenvolvimento de processos investigativos apontados pela pesquisa performativa (ou pesquisa guiada pela prática), como definido em Haseman (2015), sugere a possibilidade de surgimento de questões, técnicas, signos e linguagens

novas, a partir da focalização da prática como ponto de partida do processo de pesquisa. As performances teatrais aqui estudadas, se não foram o ponto de partida da pesquisa como um todo, se desenvolveram de modo paralelo e indicaram a necessidade de aprofundamento de reflexões de um modo mais específico. A experiência com a oficina fez surgirem questionamentos, problemas, demandas, sentidos, códigos e pedagogias comunitárias que, de todo modo, levaram à possibilidade de propô-la enquanto método e prática central em outro projeto de pesquisa¹⁶.

Outra possibilidade que se abre a partir da pesquisa performática é a de propor uma apresentação dos resultados para além do texto escrito, ou em conjunto com ele. Ou seja, fazem com que expressões simbólicas também se manifestem como parte desse corpo resultante do processo, podendo ser apresentadas, por exemplo, por uma apresentação teatral. Segundo o próprio Haseman (2015), tal modelo de pesquisa não exclui outras formas, como as técnicas já estabelecidas em práticas de pesquisa qualitativa ou a pesquisa-ação, por exemplo, mas pode atuar em conjunto com elas.

A proposta de realizar criações cênicas em sintonia com a realidade dos geraizeiros tem, dentre outros objetivos, o de abrir mais um canal de expressão dessas comunidades, nesse caso, com o protagonismo das crianças. As reflexões sobre a experiência no Sobrado levam ao entendimento de que pensar o protagonismo infantil em termos de performance requer uma “escuta sensível” da voz dos pequenos, como defendem Hartmann e Silva (2019), em contextos de pesquisas com infantes. Para as autoras, a autoria e participação das crianças, em todas as fases dos trabalhos (incluindo compra de materiais, por exemplo), entra nesse escopo, pois potencializa a partilha, estabelecendo no processo um senso de comunidade narrativa.

Ao trabalharmos com a perspectiva de “pedagogias performativas” (PINEAU, 2010), entendemos a performance infantil protagônica como possibilidade de ação crítica e transformativa. Dessa forma, investigar as performances narrativas das

¹⁶ Impulsionado por essa experiência, o projeto de doutorado já referido propõe a realização de oficinas teatrais com moradores de quatro comunidades geraizeiras, a saber, Moreira, Água Boa II e Baixa Grande, além da continuidade do trabalho no Sobrado, tendo como arcabouço teórico boa parte da bibliografia aqui citada, incluindo a pesquisa performativa

crianças pode suscitar a emergência de resistências diante das manifestações de poder, qualificando tal método de pesquisa enquanto uma “etnografia propositiva”.

Com o desenvolvimento de tal conceito, Hartmann (2017, p. 51) propõe a evocação de um trabalho de observação do cotidiano, aliado à ação direta da pesquisadora por meio de, por exemplo, atividades lúdicas, “no sentido de gerar um ambiente favorável à manifestação expressiva das crianças e à escuta de sua produção narrativa”. Contudo, para o trabalho com os geraizeirinhos, propomos outra variação dessas denominações metodológicas para “etnografia performativa” (HARTMANN; SOUZA; CASTRO, 2020), por expressar de maneira mais concreta situações de pesquisa nas quais a performance oferece não apenas um referencial teórico, como também um instrumental metodológico.

Creemos que a experiência no Sobrado suscitou a possibilidade de desenvolvimento de tal protagonismo, a partir de uma metodologia de pesquisa propositiva, denominada aqui etnografia performativa, baseada na aproximação das crianças, de forma direta, reflexiva, lúdica e criativa, com os temas relevantes da realidade comunitária, com sua cultura e com os mecanismos de reafirmação identitária acionados. Isso viabiliza a potencialização da autonomia de suas vozes enquanto sujeitos de direitos, que expressam, de modo particular, uma visão sobre o lugar onde moram e podem contribuir ativamente para sua transformação, desenvolvendo, portanto, uma performance de desencurralamento.

Neste momento, a pesquisa se encontra em nova fase, na qual as crianças passaram a ser as interlocutoras privilegiadas, e os aportes fornecidos pelo etnoteatro e pela etnografia performativa têm sido bastante operativos e profícuos, permitindo elucidar questões teórico-metodológicas, que privilegiam o protagonismo dos sujeitos pesquisados.

5. Considerações finais

A performance teatral das crianças, considerada aqui como manifestação possível dos dramas sociais vividos pela comunidade geraizeira, num momento propositivo de “ação reparadora”, buscou jogar com a tentativa de apontar e refletir sobre os elementos expressivos e simbólicos que manifestam a cultura e a identidade geraizeira em suas relações com o espaço ocupado historicamente: os Gerais. Nesse sentido, a proposta tem, assumidamente, um viés político. Como defende Villas Bôas (2014), o teatro teve e tem grande importância histórica,

enquanto linguagem capaz de apontar as contradições da realidade, sendo eficaz enquanto arma de agitação, propaganda, organização social e pedagógica, estando a serviço da emancipação humana. O trabalho teatral se mostrou como possibilidade de um instrumento alternativo, articulado com os processos comunitários de luta por direitos, com capacidade de comunicação e sensibilização sobre as lutas das comunidades geraizeiras com a sociedade em geral.

Nos comentários surgidos a partir da apresentação da cena das crianças, principalmente, por parte das lideranças do Sobrado, foi enfatizada sua capacidade de gerar reflexões em moradores que diziam não ter conhecimento daqueles fatos; ou, se tinham conhecimento, até então, não estavam sensibilizados a respeito, mesmo com todo o trabalho anterior de conscientização realizado. Relataram que algumas dessas pessoas mal sabiam da importância da luta da comunidade até assistirem ao teatro, com o qual se emocionaram, e defenderam sua reapresentação em outros lugares, como forma de divulgação e sensibilização da luta da comunidade.

Quanto às crianças, para além da sensibilização estética provocada pela oficina, foi possível verificar um amadurecimento em relação aos problemas da comunidade. Passaram, com o tempo, a se sentirem mais seguras ao falarem dos conflitos vividos. Durante os bate-papos após as apresentações da cena, algumas delas manifestaram que, depois da oficina, viam sua comunidade e seu território de outra forma e entenderam melhor o porquê de terem que cuidar dele. É uma pista de que o trabalho tenha fortalecido o vínculo das crianças com o território e que teve efeitos positivos em sua participação nos processos de formação sociopolítica. A pesquisa segue em busca de ouvir/ver/partilhar os gritos, gestos, falas, cenas de desencurralamento dos gerazeirinhos.

Referências bibliográficas

ALBERT, Bruce. **Situação etnográfica e movimentos étnicos**. Notas sobre o trabalho de campo pós-Malinowskiano, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/42993> Acesso em: 03jul. 2020.

ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami). *In*: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida

Rita (Orgs.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. p. 239-274.

ALMEIDA, A. W. B. de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de Pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2. ed. Manaus: PGSCA–UFAM, 2008.

BÔAS, R. L. Villas. MST conta Boal: do diálogo das ligas camponesas com o Teatro de Arena à parceria do Centro do Teatro do Oprimido com o MST. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 57, p. 277-298, 2013.

BÔAS, R. L. Villas. Desafios do teatro político contemporâneo. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v.18, n.30 , p.197-225 , 2014.

BRITO, I C. B. de. **Ecologismo dos gerais: conflitos socioambientais e comunidades tradicionais no norte de Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2013.

CAA/NM. **Relatório antropológico de caracterização de identidade étnica e de territorialidade da comunidade do Moreira – Rio Pardo de Minas**. 2017. (documento cedido pela Associação da comunidade Moreira).

CAMARGO, R. C. de. Milton Singer e as performances culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. **Revista Karpa**, Los Angeles, Califórnia State University, v. 6, p.1-27 , 2013.

DAWSEY, J. C. Turner, Benjamin e antropologia da performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. **CAMPOS - Revista de Antropologia Social**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 17–25, 2006.

HARTMANN, Luciana; Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 37, n. 101, p. 45-64, jan./abr. 2017.

HARTMANN, Luciana; SOUZA, Jonielson Ribeiro de; CASTRO, Ana Carolina de Sousa. Luta pela terra, performance e protagonismo infantil no I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha (Brasília – 2018). **TOMO**, São Cristóvão, n. 37, p. 253-286. jul./dez. 2020

HASEMAN, B. Manifesto pela pesquisa performativa. *In: SILVA, Charles Roberto et al (Orgs). In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM ANDAMENTO*. 5., São Paulo, 2015. **Resumos...** São Paulo: PPGAC/ECA/USP, 2015..3, n.1. p. 41-53

KAPCHAN, Deborah A. Common Ground: keywords for the study of expressive culture - Performance. *Journal of American Folklore*. v. 108, n. 430, 1995.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. **Anuário Antropológico**, Brasília, DF, v.28, n.1, p. 251-290, 2003.

NOGUEIRA, Mônica C. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre geraizeiros do norte de Minas Gerais**. Brasília: Mil Folhas. 2017.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma revisão prospectiva. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 89-113, 2010.

ROCHA, E. *et al.* (Orgs.). **Teatro político, formação e organização social: avanços, limites e desafios da experiência dos anos 1960 ao tempo presente**. São Paulo: Outras expressões, 2015.

SALGADO, R. S. Etnoteatro como performance da etnografia: estudo de caso num grupo de teatro universitário português. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Salvador, v. 1, p. 31-52, 2013.

SCHECHNER, R. Performers e espectadores: transportados e transformados. **Revista Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 2, n.1, p. 155-185, jan./jun. 2011.

SILVA, R. A. **Entres artes e ciências**: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 11, n. 24, p. 35-65, 2005.

SOARES, R. C. **A influência da Folia de Reis na resistência dos povos geraizeiros da comunidade Vereda Funda**. Monografia (TCC Licenciatura em Educação do Campo) - UFMG/FAE, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Jonielson Ribeiro de. **Terras geraizeiras em disputa**: os processos de autoafirmação identitária e retomada territorial de comunidades tradicionais de Rio Pardo de Minas frente à concentração fundiária. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2017

SOUZA, Jonielson Ribeiro de; NOGUEIRA, Mônica C. Drama social, experiência e a resistência geraizeira em performances de desencurrallamento. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 23 n. 2, p. 334-359, set. 2021.

SOUZA, Jonielson Ribeiro de; SAUER, Sérgio. Antagonismo e reciprocidade na (re)afirmação identitária dos geraizeiros: luta por território e água no norte de Minas Gerais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 676-699, out. 2020.

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2008.